



A ESCOLA, O ALUNO E AS VIOLÊNCIAS: UMA APOSTA NA PALAVRA E NA ESCUTA

Émerson José Gouveia dos Santos¹, Ana Terra de Carvalho Silva², Analyce dos Santos Suassuna³, Igor Gabriel da Silva Carvalho⁴, Karynna Magalhães Barros da Nóbrega⁵
karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Considerada como segunda casa, a escola ocupa um lugar agrídoce na vida dos estudantes, uma vez que neste espaço a construção de identidade e os desafios do desenvolvimento emocional podem gerar conflitos e sofrimento ao aluno. O intuito do projeto foi promover relações construtivas entre a escola e o sujeito, entendendo que, as relações na infância são determinantes para constituição do sujeito, a fim de promover um ambiente mais acolhedor e afetivo para construção dos laços sociais. A ação é fruto de parceria entre o Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e a Escola Manoel da Costa Cirne, realizado no ano de 2023, em Campina Grande – PB.

Palavras-chaves:

Escuta, Construção da subjetividade, Infância e Família.

1. Introdução

Em função das transformações sociais, biológicas e culturais que perpassam ao longo da infância, a escola ocupa uma função importante para o desenvolvimento de habilidades e competências na travessia para o mundo adulto. Podemos inferir que a escola é esse território que faz uma transição do familiar para o *infamiliar*, em outros termos, como sendo um lugar de separação do Outro parental (pais e ou responsáveis). Dito isso, a instituição de ensino deveria ser um ambiente acolhedor e seguro para o desenvolvimento, sendo para a criança uma ferramenta de suporte e possibilidades. Por isso, é comum que a vida escolar seja vista como uma microssociedade, sendo um ambiente que reflete e potencializa dinâmicas sociais ligadas ao convívio social.

Sendo a escola um local de pluralidade em seu cerne, esta se constitui com valores, crenças, culturas e diversidades étnicas, de gênero, sexuais, econômicas e religiosas, advindas de todos os envolvidos convivendo no mesmo espaço, formando uma micro sociedade. No entanto, o ambiente por vezes torna-se hostil, e a experiência escolar, que deveria acarretar em momentos de aprendizado, felicidades e lazer, dá lugar ao sofrimento, gerando conflitos, pressão social, bullying, dificuldade de aprendizado e violência. Assim, a escola acaba por tornar-se uma fonte de sofrimento e ansiedade

para muitos alunos, principalmente aqueles que não se enquadram nos padrões e expectativas impostos pelo sistema educacional.

Advertidos de que a psicanálise e a educação são campos de saber distintos, que possuem objetivos diversos, ainda assim podem-se complementar e a psicanálise contribuir no contexto escolar. Isso porque a educação visa a formação e o desenvolvimento do sujeito no laço social e, por meio de um disciplinamento das pulsões, aposta na sublimação e no amor ao saber. Já a psicanálise aposta que o sujeito de desejo encontra seu lugar no campo do Outro por meio do discurso e das invenções possíveis. Segundo CICCIA (1997), tanto a pedagogia como a psicanálise têm como objeto uma certa promoção do humano. Tratando da parte da pedagogia, está visa a promoção em sua forma educativa e da parte da psicanálise, uma promoção terapêutica. Ambas dedicam-se a um rigor metodológico e científico na ordem da pesquisa pedagógica e da aplicação terapêutica [1].

Nesta perspectiva, apresentamos uma proposta de intervenção que foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel da Costa Cirne, localizada no município de Campina Grande - PB. Nesta atividade extensionista buscou-se, ao longo dos encontros, propiciar um espaço de escuta e compartilhamento de saberes.

Esta experiência nos permitiu ampliar, investigar e intervir diante das vulnerabilidades, falas e necessidades relacionadas a este grupo, tendo em vista as distintas demandas do ambiente estudantil. Partimos do princípio que a psicanálise pode promover um saber fazer com o sofrimento, a partir de uma escuta qualificada e da utilização de técnicas e intervenções. A fim de investigar quais as demandas e as especificidades trazidas pelo grupo. Para a partir da intervenção possibilitar o ambiente educacional mais acolhedor e saudável para construir um lugar para o sujeito discente. Conforme nos ensina Françoise Dolto (1984) “A educação deve ser um processo cooperativo, onde escola e família trabalham juntas para promover o crescimento e o desenvolvimento [2].

O intuito do projeto era ter como público alvo os alunos do 9º ano da instituição, uma vez que estes

^{1,2,3,4} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁵ Coordenadora, Professora, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

encontram-se passando pela transição de escolas, como também pelo momento de transição da infância para a adolescência. Devido a demanda que a escola apresentou em relação aos alunos menores, e as questões apresentadas, acabamos por focar apenas nos alunos do fundamental 1 (um) da escola, tendo como foco alunos específicos que vinham apresentando comportamentos diferentes, que praticavam ou eram os recebedores de bullying, e que estavam dispersos durante as aulas. Entende-se por alunos do fundamental 1, alunos que compõem o quadro educacional brasileiro, dos quais fazem parte do 1º ao 5º ano. A idade dos alunos é relativa, porém a faixa entre as turmas está entre 6 e 10 anos.

No texto “Explicações, Aplicações e Orientações” Freud salienta que aplicar a psicanálise à educação pode ajudar a compreender e lidar com questões fundamentais que surgem na infância e que têm impacto na vida adulta (FREUD, 1976) [3].

2. Metodologia

A metodologia realizada para esse projeto de extensão envolve três tipos de atuações: o uso da conversação, do estudo de caso e a leitura e análise dos textos. Primeiramente foi realizada a visita técnica na escola em questão com a sondagem das demandas, num segundo momento a realização do planejamento de intervenção de acordo com o calendário escolar e da UFCG. A intervenção no campo aconteceu com dois encontros semanais em dupla diferentes pelos extensionistas. Cada tema da conversação foi escolhido pelos alunos da escola. Além disso, houve reunião interna da nossa equipe docente e os extensionistas para o estudo dos casos observados no contexto escolar e as vivências realizadas. Paralelamente a isso foi estudado e discutido textos/livros/artigos que abordavam o tema psicanálise e educação.

A conversação, como metodologia, conforme Santiago (2008, p. 121) é um dispositivo possível para a pesquisa-intervenção no âmbito que compreende a psicanálise, na nossa pesquisa tem interlocução com a educação [4].

Essa metodologia tornou possível a promoção de: debate, reflexão e discussão viva entre os participantes a respeito de algum sintoma ou impasse diante do real (aquilo que não tem sentido e que não tem como ser nomeado), que causa uma dificuldade na transmissão de conhecimento e do simbólico, vindo a produzir o mal-estar no sujeito (SANTIAGO, 2008, p. 121) [4].

Devemos advertir que, a proposta da conversação não é a produção de um discurso coletivo comum em que se busca um consenso entre ambos, mas constitui-se na ideia de alcançar a singularidade de cada falante através da fala, abrindo um momento para a elaboração do mal-estar, gerando um espaço em que cada um possa dar vazão ao desejo e construa um saber sobre o que até então pensava não saber, no caso da nossa pesquisa se dá sobre os desafios do ato de educar hoje. Neste espaço, por meio da associação livre, se tem acesso a cadeia significativa, na qual cada sujeito presente em um ato espontâneo pode vir a contribuir, para que “um significante convoca a outro significante”. Será a partir da fala que se espera

englobar, através da transformação no processo de educar, a dimensão pulsional em jogo.

A troca de experiência durante o método tem como efeito, um voltar-se para si para a compreensão do ponto de impossível em cada falante. Esse momento se mostra capaz de produzir, de maneira inédita, um efeito de saber, onde algo possa vir a se inventar.

Ainda sobre a forma como a Conversação se desenvolve, a mesma não possui pautas específicas ou mesmo roteiros que venham a direcionar a fala dos participantes. Tal metodologia “parte-se do sintoma- ou seja, daquilo que não vai bem” (SANTIAGO, 2008 p. 123). Em outras palavras é a partir das demandas, aquilo que explicita o que vem se caracterizando como o “impossível”, tanto para os professores na intenção de ensino, quanto para os alunos na perspectiva de aprendizado, surgindo uma nova pauta a ser abordada. Pode-se dizer que um dos diferenciais da Conversação é a análise e intervenção na situação a partir das demandas geradas pelos próprios participantes e não de forma vertical.

Meses	J u n	J u l	A g o	S e t	O t o	N o v	D e z
Encontros para orientação com a coordenadora	x	x	x	x	x	x	x
Revisão da literatura	x	x	x	x			
Encontros para planejamento das atividades	x	x	x				
Visitas semanais a comunidade		x	x	x			
Elaboração do diário de campo	x	x	x				
Realização das metodologias participativas	x	x	x	x			
Avaliação processual das atividades	x	x	x	x	x	x	x

Tabela de cronograma de atividades realizadas

3. Resultados e Discussões

Ao elaborarmos o projeto para a Escola Manoel da Costa Cirne, pretendíamos trabalhar com alunos do 9º (nono) ano do fundamental II, uma vez que os mesmos iriam migrar para outras escolas no ano seguinte, visto que a instituição da qual faziam parte compunha até esta turma. Todavia, ao conversarmos com o corpo docente, percebemos uma urgência a ser trabalhada com alunos mais novos, uma vez que estes apresentavam demandas mais emergentes.

Neste sentido, o projeto alcançou os estudantes do Fundamental I, das quais fizeram parte 25 estudantes de turmas do 2º ao 5º ano.

A escolha dos alunos para participarem das intervenções partiram dos professores da instituição, que destacaram alunos que vinham apresentando comportamentos diferentes do que os mesmos possuíam, alunos com dificuldade em socialização como também alunos praticantes de *bullying* e receptores da prática.

As atividades na instituição foram realizadas por discentes do curso de psicologia da Universidade Federal

de Campina Grande (UFCG), dos quais desenvolveram as atividades em três frentes: intervenções grupais, escutas individuais, e escuta dos responsáveis. Devido aos contextos acerca da estrutura escolar, e das demandas apresentadas pelos alunos, foram realizadas conversações com os educadores e profissionais da escola. Também adicionamos outra frente ao projeto que foi a territorialização da comunidade em volta da escola, onde fizemos algumas visitas institucionais.



Figura 1- Alunos e coordenadora da extensão juntamente com a diretora da escola.

3.1 Intervenções Grupais

As atividades desenvolvidas em grupo buscaram evidenciar a importância do diálogo enquanto dispositivo de mudança, uma vez que a importância da fala, para expor como se sente, e da escuta, para entender o outro, eram fundamentais no processo de divergências que os alunos produziam.



Figura 2- Realização de Intervenção Grupal

Durante as atividades, buscamos discutir temas dos quais as crianças e adolescentes apresentavam enquanto demandas. No primeiro encontro de cada turma, foi realizada uma leitura conjunta da obra “Tenho Monstros na Barriga”, de Tonia Casarin ^[5], visando gerar uma discussão em torno do que são as emoções e sentimentos humanos, de modo a compreender a perspectiva de cada criança ali sobre o que estava sendo abordado.

O planejamento das conversações posteriores ocorria a partir do que os interventores percebiam como demandas nos encontros anteriores. Além disso, para aprimorar a coesão e organização dos grupos, os interventores decidiram se dividir, ficando dois

responsáveis pelas turmas do 4º, 3º e metade do 2º ano, e os outros dois pelo 5º e a outra parte do 2º ano. Devido à faixa etária e às necessidades específicas dos grupos, a quantidade de encontros e os modos de intervenção se diferenciam em cada turma, sendo, a priori, apenas a leitura do livro realizada para todos.

Contando com 3 alunas, o grupo do 5º ano obteve 3 encontros. No primeiro, com a leitura do livro, as estudantes se mostraram mais tímidas e pouco participativas. Contudo, elas pontuaram questões relevantes que serviriam de ideias para os próximos encontros, como a questão do *bullying* que ocorria entre duas delas, e a baixa autoestima que todas apresentavam. Assim sendo, no segundo encontro, foi realizada uma atividade com elas visando o reconhecimento de suas próprias qualidades, assim como a necessidade de respeito nas suas relações. Para tanto, solicitamos que elas escrevessem em post-its elogios direcionados a si mesmas e as suas colegas ao lado e pregamos em um quadro. No decorrer dessas ações, fomos construindo um diálogo sobre o que se trata a autoestima e a sua importância para nossa vida, assim como os prejuízos do *bullying* para a saúde. Dessa vez, todas foram bem participativas e duas garotas conversaram sobre o conflito entre elas. Por fim, no último encontro fizemos uma roda de conversa a respeito de sonhos, perspectivas, família e rede de apoio, com o objetivo de compreender o olhar delas sobre si mesmas, assim como a importância do auto investimento. Posto isto, questionamos com quem ou o que elas podem contar atualmente, em relação às suas escolhas ou vontades, e ressaltamos a definição de rede de apoio e a significância de construí-la ao longo de nossa vida, podendo ela ir muito além do âmbito familiar, já que este, nem sempre, corresponde às nossas expectativas em relação ao apoio que visamos. Em tal encontro, todas se sentiram à vontade para falar e animadas enquanto pontuavam seus sonhos. Sentimos que as intervenções foram positivas nesta sala devido à mudança de conduta e das relações entre elas que ocorreram entre o primeiro e o último encontros.

A segunda dupla de extensionistas trabalhou com outra metade dos alunos do 2º ano, uma turma do 3º e outra turma do 4º ano. Com todas as turmas os alunos estabeleceram um contrato de confidencialidade para construir aquela reunião de pessoas em um grupo. Dentro desse contrato também estava posto o respeito à fala do outro. O trabalho iniciou com a turma do 2º ano, a equipe optou por recapitular questões levantadas durante o primeiro encontro, onde foi abordado o livro “Tenho Monstros na Barriga”, então temas como: família, morte, sentimentos de raiva e carinho foram apresentados.

Os alunos compartilharam livremente pensamentos sobre seus familiares ou pessoas com as quais dividiam o lar, discutiram situações cotidianas que não entendiam e buscavam conhecer melhor seus parentes e a si mesmo. Foi observado pela equipe que questões sociais atravessavam diretamente as crianças, apesar da pouca idade, discutiam temas referentes ao cotidiano vivido - demonstrando uma realidade difícil. No segundo encontro com essa turma foi realizada uma oficina de desenhos, a ideia era transportar conteúdos de ordem

simbólica externados nos encontros anteriores em forma de desenhos, no caso, fazendo uma nova passagem do simbólico para o real. A instrução dada pela equipe era que as crianças poderiam desenhar aquilo que quisessem, lembrando das nossas discussões anteriores. Essa dinâmica foi interessante para observar como as crianças entendiam e enxergavam o mundo ao seu redor a partir dos próprios sentimentos. As crianças sentiram dificuldades de escrever seus nomes nos desenhos, além de pedir ajuda para escrever palavras que gostariam de acrescentar à ilustração. Muitos desenharam a família ou lugares dos quais gostam de brincar, outros optaram por desenhos minimalistas com rostos e expressões. Ao final da dinâmica foi sugerido que cada aluno falasse um pouco sobre o seu desenho e eles tiveram dificuldades de explicar o que haviam desenhado. O 2º ano mostrou em suas atividades dificuldades de aprendizagem, entretanto também esbarraram em obstáculos comuns da faixa etária no que se refere a comunicação e expressão de suas ideias.

No que se refere ao 3º ano também recapitulamos o que aconteceu no primeiro encontro com a leitura e interação com o livro da Tonia Casarin. Os alunos preferiram abordar temas como o medo e a raiva, elementos presentes no livro. A turma elaborou bem o entendimento sobre o assunto tratado, assim como reconhece em si e no outro os sentimentos trazidos no livro. A partir dessa leitura os alunos se sentiram confortáveis em compartilhar momentos e pensamentos sobre o que sentem e vivem - momentos, experiências e vivências. Nos encontros seguintes foi perceptível o movimento natural dos alunos com o respeito e apreço pelo momento de estar em grupo. Foi possível construir um espaço entendido como seguro para se expressar e ouvir.



Figura 3- Intervenção com os alunos

O 4º ano foi o grupo com quem tivemos o maior contato, pois foi a turma com maior número de encontros. O tema dos sentimentos foi o condutor inicial para desbravar sobre o universo de questões que cada membro desse grupo abordou sobre si e o mundo que o rodeia. Logo de início, temas como ansiedade, morte, relação familiar e com os colegas de turma, medos e afins, foram presentes, e repercutiram até o último encontro. Posteriormente, trouxemos mais profundamente o tema da família, já que ele foi bastante abordado durante os primeiros encontros. Um acontecimento presente que foi capaz de produzir um primeiro contato de identificação entre os membros do grupo foi o fato da separação dos

pais ser algo presente em suas histórias, seja essa separação por divórcio ou morte, os alunos encontravam na falta e na saudade um elemento que também os unia. Em contatos posteriores foi possível trabalhar com o 4º ano sobre seus sonhos e desejos para o futuro, e isso desencadeou identificações entre as crianças, além de vislumbrar possibilidades. Por fim, foi realizada uma árvore da família com os alunos onde eles desenhavam e falavam sobre seus familiares e pessoas queridas, logo em seguida relataram como se sentiam em relação a eles. Durante o processo de construção e constituição do grupo um sentimento de suporte e unidade foi acontecendo dentro do grupo, propiciando os resultados obtidos.

3.2 Escutas Individuais

As demandas das escutas psicológicas parecem ser, em grande parte, de um sofrimento que permeia a vida dos sujeitos, o qual interfere em seu bem-estar e qualidade de vida. Assim sendo, o trabalho da escuta psicológica exercida na escola Manoel da Costa Cirne, de forma semanal, também contou com escutas individuais, que foram direcionadas às crianças avaliadas com maior necessidade de cuidado e intervenção.

Em 1896, Freud criou o termo “psicanálise” para dar nome a um método particular de psicoterapia, pautado na investigação dos processos mentais inconscientes (ROUDINESCO; PLON, 1998) [6]. Posto isto, os interventores utilizaram ferramentas teórico-práticas de tal linhagem terapêutica para promover escutas e acolhimentos com as crianças e seus familiares, visando transformações de maior impacto.

Ao todo, foram realizadas 30 (trinta) escutas individuais com duração em torno de 50 minutos, o que variava a depender do caso. Os atendimentos ocorreram em salas improvisadas, visto que a escola não possuía locais disponíveis. Desse modo, foram utilizadas as salas de música, dos professores e de informática. Em vista disso, vemos uma outra problemática enfrentada pela instituição, pois existe a prevalência de casos que requer um atendimento psicológico contínuo, com práticas multidisciplinares que possam trabalhar seus aspectos multidimensionais.

No que diz respeito a interseccionalidade, as escutas, em sua maioria, eram compostas por pessoas do gênero feminino, com idade entre 07 e 13 anos, negras e com renda salarial baixa.

Dessa forma, as intervenções psicológicas ocorreram diante de cenários críticos de sofrimento mental, em que as crianças enfrentavam situações como o processo de separação dos pais, as ausências maternas e paternas, e o luto como um fator causal derivado de perdas abruptas que marcaram seus processos psíquicos.

É importante destacar que, em geral, as demandas e queixas trazidas em torno de um estudante são relatadas pelos familiares ou pelas instituições das quais as crianças fazem parte. Logo, é comum as reclamações sobre as nomeadas “crianças agitadas”, que são aquelas cujo comportamento não se adequa às normativas escolares e nem se submete às formas de controle impostas pela instituição.

Nesse sentido, é necessário compreender que criança precisa viver sua infância, de modo a permitir que ela se reencontre por meio do lúdico, devendo-se questionar a significância ou real gravidade sobre tal “agitação”, já que esta pode ser um caminho para o desenvolvimento dos aspectos identitários de tais indivíduos, que precisam se reconhecer enquanto sujeitos.

É importante também trazer questionamentos sobre o que está por trás dessa “agitação” ou outros fatores comportamentais. A fome? A falta de uma rede de apoio ou de assistência de serviços públicos? Nessas perspectivas, vemos que o bairro Pedregal, localizado na cidade de Campina Grande-PB, perpassa por um contexto histórico de estereotipização, insegurança e violência.

Assim, romper esses estigmas impostos pela sociedade é um caminho possível no que tange às transformações que estas crianças precisam para que elas possam se expressar e verbalizar os seus sentimentos, vivendo de modo condizente à fase em que se encontram. Com a psicanálise, “Freud inventou um procedimento para que a verdade falasse: revelar os processos inconscientes que produzem os sintomas” (ROSA, 2004, p. 341) ^[8]. Portanto, prezamos para que o sintoma do Pedregal não seja o enlutamento ou a violência, mas o lugar de fortaleza para estas crianças que precisam ser escutadas.

3.3 Escuta dos Responsáveis

A escuta de responsáveis se fez necessária por detrimento das conversas tidas com os alunos, tendo em vista que algumas lacunas foram encontradas durante as intervenções. A concepção destas escutas adviera da necessidade de entender alguns alunos que, durante nossas conversações apontaram situações em que se fazia necessário o contato familiar. Assim, foram realizadas quatro escutas com os responsáveis dos alunos.

O processo de escuta com os responsáveis pôde abranger nossa visão quanto ao contexto sociocultural e econômico que os alunos estão inseridos, uma vez que ao entendermos a relação familiar, e a rotina que faz parte do dia a dia dos membros, adquirimos uma visão mais abrangente dos alunos em seu ciclo social.

No decorrer das reuniões com os responsáveis, buscamos fazer uma análise de diversos aspectos relacionados ao aluno e seu imaginário. Elementos como a rotina diária do estudante, estrutura desta e os desafios enfrentados em seu dia a dia foram pontos levantados durante o período do encontro com seus cuidadores.

Além disso, buscamos compreender o lugar do responsável da criança, e como este se via diante dos desafios de cuidar de alguém, como seu cotidiano funcionava, os desafios e as alegrias, e suas perspectivas e emoções.

3.4 Visitas institucionais

A integralidade é um princípio fundamental propagado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que destaca a necessidade de abordar o sujeito de maneira contextualizada, de modo a compreender suas demandas e necessidades específicas. Nesse sentido, estando nossa

saúde diretamente relacionada à realidade em que vivemos, os serviços e ações de assistência devem estar articulados, constituindo-se enquanto uma rede.

Nos atendimentos realizados na escola, foram percebidos diversos casos em que as crianças e/ou adolescentes se encontravam em contextos de extrema vulnerabilidade socioeconômica. Assim sendo, os interventores reconheceram a necessidade de visitar algumas instituições nas redondezas do colégio, que pudessem servir de colaboração em algumas situações.

Visando a possibilidade de uma assistência familiar a alguns indivíduos que lidamos na escola, fizemos duas visitas ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) localizado no bairro do Pedregal em Campina Grande. A primeira visita se destinou a conhecer a instituição, os serviços e profissionais que a constituíam. Solicitamos falar com a psicóloga e assistente social do local, mas ambas não estavam no dia. Portanto, foi nos recomendados voltarmos em outro dia.

Na segunda visita, conseguimos falar com as profissionais, que nos escutaram e nos acolheram de uma forma bastante positiva. Posto isto, nos apresentamos, falamos sobre o projeto de extensão e do motivo de nossa visita. Elas se propuseram a ajudar e, diante disso, repassamos os dados precisos de alguns alunos da escola para que o serviço pudesse ser realizado.



Figura 4 - Grupo dos estudantes juntamente com a equipe do CRAS Pedregal

4. Conclusão

Vivenciar a extensão foi de grande aprendizagem, tendo em vista que como alunos, temos uma visão com perspectiva mais teórica, e a prática é um momento ímpar no qual a teoria se converte em aplicação direta. Durante esse envolvimento prático, percebemos que os conhecimentos adquiridos em sala de aula ganham vida e relevância concreta.

Em nossa última visita à instituição, realizamos um encontro com os professores e a diretora, a fim de obter um feedback sobre a extensão realizada. Durante nossa conversa, apresentamos o que realizamos e em seguida, pedimos aos professores que dessem sua visão a respeito. Foi relatado que alguns alunos obtiveram uma melhora

quanto a socialização, e também em relação ao comportamento.



Figura 5 - Reunião dos estudantes, coordenadora da extensão e profissionais da escola

O período escolar apresenta diversos desafios tanto para os estudantes quanto para todos os envolvidos na dinâmica escolar. Ao longo da nossa experiência na extensão, constatamos que o papel da psicologia transcende as vivências que tivemos em sala de aula. É crucial que tenhamos um olhar ampliado para os recortes sociais, sendo estes determinantes para diversos tipos de sofrimentos e a atenuação dos mesmos.

5. Referências

- [1] Ciaccia, A. D. (1997). Da pedagogia à psicanálise. *Estilos Da Clínica*, 2(2), 18-26. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v2i2p18-26>
- [2] FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Novas conferências introdutórias nº 34. (1933 - v. 22)
- [3] Dolto, Françoise (1984). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- [4] Santiago, Ana Lydia. *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- [5] CASARIN, Tonia. *Tenho Monstros na Barriga*. 1 ed. São Paulo: Reino Editorial, v. 1, 201
- [6] ROUDINESCO E PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. RUFO, M.
- [7] MARCOS, C. M.; OLIVEIRA JÚNIOR, E. S. O sintoma entre a terapêutica e o incurável: uma leitura lacaniana. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 17-31, 2013.
- [8] ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/download/1509/3464>>. Acesso em: 15 dez. 2024

Agradecimentos

À Escola Manoel da Costa Cirne e seus profissionais pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa por meio da chamada PROBEX 003/2022 PROBEX/UFCG.